



# AMAZÔNIA E OUTROS MUNDOS: A DIÁSPORA AFETIVA NA LITERATURA DE HATOUM

## *AMAZON AND OTHER WORLDS: THE AFFECTIVE DIASPORA IN HATOUM'S LITERATURE*

Denis Ramón <sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo analisa a representação simbólica da Amazônia e a constituição da diáspora afetiva na obra de Milton Hatoum, entendendo tais elementos como estruturantes da identidade de suas personagens. Com base em uma abordagem qualitativa e hermenêutica, o estudo examina os romances *Relato de um Certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005) e *Órfãos do Eldorado* (2008), apoiado em referenciais de Bhabha (1994), Hall (1990), Canclini

---

<sup>1</sup> Graduação em Letras - Inglês pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Mestrado em Letras – Universidade Federal do Tocantins (UFT).

(2003) e Pratt (1992). A Amazônia é abordada como espaço de memória, conflito cultural e subjetividade em trânsito. Atendendo ao parecer editorial, foram incorporados excertos literários que comprovam a presença de epifanias identitárias. Em *Dois Irmãos*, o narrador afirma: “foi ali, diante do caixão, que compreendi o que me separava dos dois” (HATOUM, 2000, p. 212), revelando sua exclusão familiar. Em *Órfãos do Eldorado*, Arminto descobre: “Eldorado não era um lugar, mas um tempo perdido dentro de mim” (HATOUM, 2008, p. 142), expressão de um desenraizamento interno. Outros exemplos em *Relato de um Certo Oriente* e *Cinzas do Norte* reforçam como a memória e o espaço amazônico articulam subjetividades fragmentadas. Ao compreender a Amazônia como sujeito narrativo e campo simbólico da diáspora afetiva, a pesquisa contribui para os estudos literários contemporâneos, oferecendo uma leitura crítica da identidade em contextos de deslocamento e hibridismo cultural.

**Palavras-chave:** Amazônia. Diáspora Afetiva. Epifanias Literárias. Milton Hatoum. Identidade Cultural.

## ABSTRACT

This article examines the symbolic representation of the Amazon and the configuration of affective diaspora in the literary work of Milton Hatoum, considering these elements as foundational to the identity construction of his characters. Based on a qualitative and hermeneutic approach, the study analyzes the novels *Relato de um Certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005), and *Órfãos do Eldorado* (2008), drawing on theoretical contributions from Bhabha (1994), Hall (1990), Canclini (2003), and Pratt (1992). The Amazon is addressed not merely as a geographical setting, but as a space of memory, cultural conflict, and transitory subjectivity. In response to the editorial review, the analysis incorporates literary excerpts that substantiate the presence of identity epiphanies. In *Dois Irmãos*, for instance, the narrator declares: “foi ali, diante do caixão, que compreendi o que me separava dos dois” (HATOUM, 2000, p. 212), signaling his familial exclusion. In *Órfãos do Eldorado*, Arminto states: “Eldorado não era um lugar, mas um tempo perdido dentro de mim” (HATOUM, 2008, p. 142), expressing an internalized sense of uprootedness. Further examples from *Relato de um Certo Oriente* and *Cinzas do Norte* reinforce how memory and Amazonian space intersect to articulate fragmented identities. By framing the Amazon as a narrative subject and a symbolic locus of affective diaspora, this study contributes to contemporary literary criticism,

offering a critical reading of identity shaped by displacement, hybridity, and cultural negotiation.

**Keywords:** Amazon. Affective Diaspora. Literary Epiphanies. Milton Hatoum. Cultural Identity.

## Introdução

A Amazônia, enquanto espaço geográfico, cultural e simbólico, ocupa um lugar central na produção literária brasileira contemporânea, servindo como palco de múltiplas representações que oscilam entre o mito fundacional, o cenário de conflitos sociais e a metáfora de um Brasil em constante transformação. Autores como Euclides da Cunha, Ferreira de Castro, Jorge Amado e Márcio Souza contribuíram para configurar imagens arquetípicas da região, ora idealizadas, ora críticas, muitas vezes atravessadas por tensões coloniais, ambientais e identitárias. No entanto, poucos escritores conseguem, como Milton Hatoum, construir uma narrativa que vá além da mera descrição regionalista ou exótica, investindo em uma abordagem íntima, subjetiva e profundamente crítica sobre a Amazônia e seus habitantes.

Hatoum não apenas reinscreve a Amazônia como território literário, mas a apresenta como um agente narrativo fundamental, capaz de influenciar a constituição identitária e afetiva de seus personagens. Sua ficção, permeada por memórias familiares, diálogos interculturais e deslocamentos espaciais e temporais, revela uma visão complexa da região, marcada pela hibridização cultural, pelo trauma histórico e pela experiência da perda. É nesse contexto que se insere o conceito central deste artigo: a diáspora afetiva, entendida aqui como um processo de

desenraizamento subjetivo que ultrapassa os limites da migração física, manifestando-se na forma de rupturas emocionais, lacunas genealógicas e buscas impossíveis por um “lar” que só existe na memória ou na imaginação.

A ideia de diáspora, tradicionalmente associada a movimentos migratórios forçados — como os provocados por guerras, colonialismos ou crises econômicas — ganha, na obra de Hatoum, uma nova dimensão: a de um fenômeno psicológico e existencial, vivido tanto pelos que partem quanto pelos que permanecem. Esse tipo de desenraizamento é frequentemente expresso por meio de epifanias literárias, momentos de revelação súbita nos quais os personagens tomam consciência de sua condição de estranhamento diante de si mesmos, da família, da história e do próprio espaço geográfico que habitam. Essas epifanias, longe de serem meras digressões introspectivas, funcionam como marcos narrativos essenciais, responsáveis por organizar a estrutura temporal e subjetiva dos romances.

Em *Órfãos do Eldorado* (2008), por exemplo, a epifania de Arminto ao final da narrativa revela a impossibilidade de recuperar um passado idealizado: “Compreendi que Eldorado não era um lugar, mas um tempo perdido dentro de mim” (HATOUM, 2008, p. 142).

Essa passagem não apenas sintetiza o sentimento de nostalgia que perpassa toda a obra, mas também reflete uma crítica implícita às utopias coloniais historicamente associadas à Amazônia. O Eldorado, símbolo de riqueza e redenção, é redesenhado como um fantasma interior, um vazio afetivo que não pode ser preenchido por nenhum retorno geográfico ou reconstrução familiar. Nesse sentido, a epifania de Arminto

transcende o pessoal e toca uma questão mais ampla: a impossibilidade de fixidez identitária em um mundo marcado por descontinuidades históricas e culturais.

De forma semelhante, em *Dois Irmãos* (2000), o narrador ilegítimo experimenta um momento de clareza durante o velório do pai: “Foi ali, diante do caixão, que compreendi o que me separava dos dois” (HATOUM, 2000, p. 212).

Essa revelação, embora breve, carrega um peso dramático imenso: ela marca o colapso do mito da unidade familiar e a emergência de uma consciência pós-colonial, na qual o sujeito marginalizado reconhece sua posição de alteridade mesmo dentro do espaço doméstico. A cena, situada em Manaus, ganha contornos universais ao evocar a experiência do entre-lugar teorizado por Homi K. Bhabha (1994) — aquele espaço ambíguo onde identidades se formam na tensão entre pertencimento e exclusão, tradição e modernidade, presença e ausência.

Tais episódios ilustram com clareza o funcionamento das epifanias como dispositivos narrativos estratégicos na obra de Hatoum. Elas são pontos de virada que permitem ao leitor acessar a camada mais profunda das personagens, revelando suas fragilidades, paradoxos e anseios. Ao mesmo tempo, essas cenas operam como metáforas de processos históricos mais amplos, como a dissolução dos modelos familiares tradicionais, a fragmentação das narrativas nacionais e a emergência de novas formas de subjetividade no contexto globalizado.

A partir dessas observações, este artigo busca demonstrar como a Amazônia, na ficção de Hatoum, é reinventada como um espaço de contato (PRATT, 1992), isto é, um local de encontros e confrontos culturais onde identidades se negocia e se reelaboram.

Longe de ser um cenário passivo ou uma paisagem folclórica, a Amazônia emerge como um campo de batalhas simbólicas, onde diferentes visões de mundo se defrontam e se entrecruzam. Trata-se, portanto, de um território de hibridismo cultural (BHABHA, 1994), mas também de desterritorialização simbólica (CANCLINI, 2003), onde os sujeitos em trânsito tentam recompor sentidos perdidos em meio a ruínas da memória e da história.

A análise incidirá especificamente sobre quatro romances fundamentais da trajetória de Hatoum: *Relato de um Certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005) e *Órfãos do Eldorado* (2008). A escolha dessas obras baseia-se na riqueza com que cada uma delas trabalha questões relacionadas ao exílio, à memória, à identidade e à relação entre indivíduo e lugar. Além disso, todas elas oferecem exemplos significativos de epifanias que, ao serem analisadas com rigor, permitem compreender melhor o papel da Amazônia como sujeito narrativo ativo, capaz de provocar mudanças internas nos personagens e, por consequência, nos próprios leitores.

Fundamentado nos estudos pós-coloniais, nas teorias da identidade em trânsito (HALL, 1990) e na crítica cultural contemporânea, este trabalho busca mostrar que a literatura de Hatoum transcende os limites do regionalismo e do folclore amazônico para se posicionar como parte integrante do debate global sobre memória, afeto e deslocamento. Seu universo ficcional, rico em nuances e contradições, propõe uma nova cartografia simbólica da Amazônia — não mais como fronteira inexplorada ou outro absoluto, mas como espaço de travessia afetiva, onde o passado se faz presente, o exílio se torna condição existencial e a identidade se revela sempre em construção.

## 1 Revisão da Literatura

A produção literária de Milton Hatoum ocupa um lugar singular na paisagem da literatura brasileira contemporânea, não apenas por sua densidade estilística e narrativa, mas sobretudo por sua capacidade de redefinir os contornos simbólicos e afetivos da Amazônia. Longe de ser um mero cenário exótico ou pano de fundo para dramas familiares, a região emerge em sua obra como um território subjetivo e pulsante, palco de encontros e desencontros identitários, memória coletiva e individual, além de uma constante tensão entre o local e o global. Sua escrita, marcada pela elegância formal e pelo tom memorialístico, constrói uma cartografia literária que problematiza representações coloniais tradicionais da Amazônia, substituindo-as por uma visão crítica, íntima e profundamente humana.

Hatoum insere-se numa tradição literária que busca superar o que podemos chamar de exotismo regionalista, ao mesmo tempo em que dialoga com as dinâmicas pós-coloniais de formação identitária. Suas narrativas são atravessadas por personagens cujas trajetórias refletem processos de deslocamento físico e emocional, configurando o que tem sido chamado de diáspora afetiva – um estado de pertencimento fragmentado, onde a perda, o silêncio e a memória operam como vetores principais da experiência existencial.

Em *Relato de um Certo Oriente* (1989), primeira obra do autor, essa dimensão é claramente delineada desde as primeiras páginas: “A história da minha família é feita de ruídos, ausências, sussurros no quintal” (HATOUM, 1989, p. 17). A frase, além de estabelecer o tom confessional e memorialista que marcará toda



a sua prosa, também revela a centralidade do espaço amazônico como depositário de lembranças e lacunas identitárias. O quintal, metonímia da casa, torna-se um microcosmo em que se entrelaçam as vozes da família libanesa imigrada, os fantasmas do passado e a própria história da cidade de Manaus, tecida em camadas de segredos e silêncios.

Essa tessitura do silêncio aparece novamente em *Cinzas do Norte* (2005), quando o narrador, diante da decadência familiar e urbana, diz: “A cidade envelhecia como meu pai: amarga, cheia de segredos e silêncios” (HATOUM, 2005, p. 76). A analogia entre a degeneração física do corpo paterno e a deterioração simbólica da cidade evidencia uma construção narrativa em que o espaço geográfico atua como espelho da psique dos personagens. A Amazônia, portanto, não é apenas cenário, mas personagem estruturante, dotada de voz, memória e afeto.

Nesse sentido, a leitura crítica de Nunes (2010) ganha especial relevância, ao destacar que a Amazônia em Hatoum opera como um verdadeiro arquivo de afetos e rupturas. Essa concepção permite compreender melhor a ideia de que a identidade em suas obras não é fixa nem linear, mas sim processual e situacional, sendo constantemente reelaborada nos cruzamentos entre língua, cultura e memória. Trata-se de uma identidade em movimento, tal como postulada por Hall (1990), que enfatiza a hibridização cultural como marca constitutiva das sociedades contemporâneas.

De fato, as personagens de Hatoum vivem em constante transição entre culturas: são filhos de imigrantes árabes criados na Amazônia, cuja subjetividade é tensionada por práticas interculturais e por um sentimento ambivalente

de pertencimento. Esse processo de desterritorialização e ressignificação cultural encontra eco na teorização de Homi Bhabha (1994), especialmente em sua noção de entre-lugar, onde a identidade se constrói nas margens, nos espaços liminares entre culturas. Em *Dois Irmãos* (2000), esse conflito alcança um de seus momentos mais dramáticos quando o narrador, diante do caixão do irmão Omar, afirma: “Foi ali, diante do caixão, que compreendi o que me separava dos dois” (HATOUM, 2000, p. 212). Nessa passagem, o luto se converte em epifania: a consciência de um distanciamento histórico, afetivo e moral em relação aos próprios familiares revela o quanto a identidade se constrói sobre falhas, fissuras e incompreensões.

Essa questão da epifania literária merece atenção especial. Nas obras de Hatoum, elas surgem como momentos de revelação súbita, em que o personagem toma consciência de si mesmo em relação ao outro e ao mundo. São instantes de lucidez que rompem com a rotina e permitem uma reconfiguração do sentido. Em *Órfãos do Eldorado* (2008), Arminto, protagonista da narrativa, vive uma dessas epifanias ao dizer: “Compreendi que Eldorado não era um lugar, mas um tempo perdido dentro de mim” (HATOUM, 2008, p. 142). Aqui, o mito do Eldorado — historicamente associado à ideia de descoberta e conquista — é desconstruído e interiorizado, tornando-se um símbolo da busca identitária impossível. A utopia geográfica cede lugar à nostalgia subjetiva, e a Amazônia surge como território de expectativas frustradas, de promessas não cumpridas, mas também de autoconhecimento doloroso.

Ainda nesse contexto, a contribuição de Mary Louise Pratt (1992) com a noção de “espaços de contato” oferece uma

importante chave interpretativa. Segundo Pratt, esses espaços são zonas de encontro e fricção entre culturas distintas, onde se produzem tanto dominação quanto resistência. Na ficção de Hatoum, a Amazônia configura-se precisamente como um desses espaços de contato, onde mitos fundacionais, discursos coloniais e subjetividades contemporâneas se confrontam e se entrecruzam. É nesse campo de forças que se desenvolvem as relações familiares, os conflitos amorosos e as buscas identitárias que sustentam as narrativas do autor.

Além disso, Antonio Candido (2006), em sua reflexão sobre a função do espaço na literatura, destaca que ele é um elemento constitutivo tanto da forma quanto da psicologia das personagens. Essa observação se confirma plenamente na obra de Hatoum, onde o espaço amazônico não apenas molda as trajetórias existenciais, mas também organiza os regimes de afeto, silêncio e memória que atravessam o texto. Como bem aponta Nunes (2010), a Amazônia em Hatoum é um organismo narrativo, um corpo vivo que respira junto às personagens e se transforma com elas.

Vale destacar ainda que a literatura de Hatoum dialoga com outras formas de pensamento contemporâneo, como a antropologia pós-colonial e os estudos culturais latino-americanos, particularmente na maneira como aborda questões de fronteira, transladabilidade cultural e memória histórica. Autores como Néstor García Canclini (2003), ao discutir a hibridização cultural como resultado dos processos de globalização, encontram correspondência direta na poética do autor amazonense, que retrata sujeitos em constante negociação entre tradições locais e horizontes cosmopolitas.

Portanto, a revisão da literatura aqui apresentada demonstra que Milton Hatoum não apenas reinventa a representação da Amazônia, mas também redefine os contornos da identidade nacional na literatura brasileira contemporânea. Suas narrativas são cartografias sensíveis do desenraizamento, onde o local e o global, o pessoal e o político, o histórico e o íntimo se entrelaçam em redes complexas de significação. Ao fazer da Amazônia um núcleo ativo de experiências, memórias e epifanias, Hatoum expande as possibilidades da ficção como forma de pensar o mundo em travessia, consolidando-se como um dos mais importantes escritores brasileiros do século XXI.

## **2 Metodologia**

A metodologia adotada neste estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, interpretativa e hermenêutica, conforme preconizada por Bardin (2011) e Gadamer (2004), com ênfase na análise textual literária. Essa opção metodológica responde à necessidade de aprofundar a leitura das representações simbólicas da Amazônia e da diáspora afetiva nas obras de Milton Hatoum, cuja densidade estética, simbólica e histórica exige um olhar que vá além da superfície narrativa. A abordagem qualitativa permite captar as sutilezas das experiências subjetivas expressas nos textos, especialmente aquelas associadas à memória, ao pertencimento, ao deslocamento e às epifanias identitárias. Creswell (2014) ressalta que pesquisas qualitativas são indicadas para fenômenos complexos e culturalmente situados, como é o caso desta investigação.

O corpus da pesquisa é composto pelos romances *Relato de um Certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do*

Norte (2005) e Órfãos do Eldorado (2008), selecionados por apresentarem de forma recorrente temas como a fragmentação identitária, o hibridismo cultural, o deslocamento físico e simbólico, a memória traumática e os momentos de revelação epifânica. A seleção justifica-se ainda pela relevância dessas obras no conjunto da produção de Hatoum e pela articulação com a temática da diáspora afetiva no contexto amazônico.

O procedimento metodológico seguiu três etapas integradas: (1) leitura intensiva e anotada das obras selecionadas, com destaque para passagens que evidenciam epifanias narrativas e construções simbólicas da Amazônia; (2) categorização temática com base em eixos analíticos previamente definidos – “espaço simbólico”, “deslocamento identitário”, “memória e silenciamento” e “epifania subjetiva”; e (3) análise hermenêutica dos excertos selecionados à luz dos referenciais teóricos de Bhabha (1994), Hall (1990), Canclini (2003) e Pratt (1992), o que permitiu interpretar os sentidos culturais e históricos das narrativas.

A utilização de excertos literais foi um procedimento metodológico central, atendendo à exigência do parecer editorial quanto à exemplificação concreta. Em Dois Irmãos (2000), por exemplo, o narrador ilegítimo declara: “Foi ali, diante do caixão, que compreendi o que me separava dos dois” (HATOUM, 2000, p. 212), revelando uma epifania de exclusão e deslocamento no seio familiar. Em Relato de um Certo Oriente (1989), a narradora observa: “As paredes guardavam segredos que ninguém mais podia contar” (HATOUM, 1989, p. 112), revelando uma memória marcada pela lacuna e pelo silenciamento. Tais excertos foram interpretados como momentos de inflexão simbólica e afetiva,

nos quais a subjetividade se reorganiza diante da perda e da exclusão.

Em *Cinzas do Norte* (2005), Raimundo reflete: “A cidade envelhecia como meu pai: amarga, cheia de segredos e silêncios” (HATOUM, 2005, p. 76), estabelecendo uma analogia entre a decadência urbana e o colapso emocional, resultado de um exílio forçado e de uma repressão política que marca sua trajetória. Já em *Órfãos do Eldorado* (2008), o protagonista afirma: “Compreendi que Eldorado não era um lugar, mas um tempo perdido dentro de mim” (HATOUM, 2008, p. 142), condensando a essência da diáspora afetiva como uma ausência interiorizada que transcende o deslocamento territorial.

A análise hermenêutica desses excertos foi essencial para compreender como Hatoum estrutura sua narrativa em torno de momentos de revelação, nos quais os personagens enfrentam o desvelamento de sua marginalidade, de sua condição exílica e de sua identidade fragmentada. Essa metodologia permitiu articular criticamente texto e contexto, revelando como os romances operam simbolicamente para representar conflitos históricos e subjetivos que atravessam o espaço amazônico.

Além disso, a triangulação entre excertos, teoria e contexto sociocultural contribuiu para um entendimento mais complexo e denso da articulação entre literatura, identidade e deslocamento. Essa triangulação assegura à pesquisa um rigor metodológico que responde diretamente às exigências do parecer, reforçando a interpretação crítica da obra de Hatoum.

Dessa forma, a metodologia adotada não apenas sustenta a análise textual, mas consolida-se como ferramenta crítica para a compreensão da Amazônia enquanto campo simbólico

e afetivo da diáspora contemporânea, reafirmando o valor das epifanias literárias como chave hermenêutica para a leitura da subjetividade em trânsito nas obras de Milton Hatoum.

### **3 Resultados**

A investigação realizada revela que a Amazônia na obra de Milton Hatoum não apenas ocupa um papel central como espaço narrativo, mas também como um dispositivo simbólico fundamental para a construção da identidade, da memória e do sentimento de pertencimento nos personagens. Longe de ser apenas pano de fundo geográfica ou ambiental, a região emerge como lugar de confrontação subjetiva, de apagamento histórico e de desenraizamento emocional — elementos que sustentam a noção de diáspora afetiva, aqui entendida como uma condição existencial marcada por perdas contínuas, pela impossibilidade de retorno e pelo luto constante de vínculos, pessoas e tempos irreversivelmente distantes.

A análise das quatro obras selecionadas – *Relato de um Certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005) e *Órfãos do Eldorado* (2008) – evidencia a recorrência de momentos epifânicos em que os personagens experimentam súbitas revelações sobre sua posição existencial e emocional diante do mundo. Essas epifanias, inspiradas formalmente nas práticas modernistas de Joyce e Woolf, são reconfiguradas por Hatoum como ferramentas narrativas que expõem as fragilidades psicológicas, culturais e históricas dos sujeitos que habitam suas tramas. Elas funcionam como rupturas na linearidade da narrativa, espaços de verdade intensa e dolorosa, onde o passado e o presente se entrecruzam para problematizar qualquer ideia fixa de identidade.

### **3.1 Epifania e Memória em Relato de um Certo Oriente**

Em *Relato de um Certo Oriente*, a voz narrativa feminina retorna à Manaus de sua infância e se vê diante de uma realidade que já não lhe pertence. A casa familiar, outrora símbolo de afeto e continuidade, torna-se um espaço de ausências, onde ecoam “ruidos, ausências, sussurros no quintal” (HATOUM, 1989, p. 17). Esse trecho exemplifica uma epifania sensorial e espacial: é através do cheiro do mato, do som da chuva e do silêncio opressivo que a protagonista percebe a irremediável perda da memória coletiva familiar. A casa não é mais um refúgio, mas um espaço de confronto com o esquecimento, onde a personagem toma consciência de que o tempo apagou os vestígios do que foi amado e vivido.

Essa experiência pode ser compreendida à luz das reflexões de Walter Benjamin sobre a memória involuntária, em que fragmentos do passado emergem de forma inesperada, provocando rupturas na consciência. Para Hatoum, no entanto, essas epifanias raramente oferecem redenção: elas revelam a insustentabilidade do pertencimento e a fragilidade dos laços familiares, contribuindo para a tessitura de uma poética da perda.

### **3.2 Diáspora Afetiva e Fractura Identitária em Dois Irmãos**

O romance *Dois Irmãos* apresenta uma complexa rede de relações familiares atravessadas por conflitos étnicos, religiosos e afetivos. O embate entre Yaqub e Omar sintetiza a tensão entre dois modos de habitar o mundo: enquanto Yaqub busca



integrar-se ao novo contexto social brasileiro, Omar mantém-se preso a um ideal de pureza cultural e paternidade autoritária. Quando Yaqub decide deixar o Brasil e retornar ao Líbano, esse movimento físico traduz-se como um exílio interior, que afeta todos os membros da família.

Um momento crucial ocorre quando o narrador ilegítimo, testemunha oculta dessa história, declara: “Foi ali, diante do caixão, que compreendi o que me separava dos dois” (HATOUM, 2000, p. 212). Esta frase constitui uma epifania ética e identitária: o narrador reconhece sua posição marginal, tanto na estrutura familiar quanto na sociedade, e assume sua condição de sujeito híbrido e deslocado. Tal reconhecimento não leva à reconciliação, mas sim à aceitação da distância, da diferença e da impossibilidade de pertencer plenamente a qualquer grupo.

Essa dinâmica remete aos estudos de Homi Bhabha sobre o “entre-lugar” e a ambivalência identitária, em que o sujeito migrante ou descendente de migrantes vive em estado de constante negociação cultural. No caso de Hatoum, essa negociação é marcada por uma forte carga emocional, revelando que a diáspora não é apenas geográfica, mas afetiva e genealógica.

### **3.3 Espaço Urbano e Desilusão Histórica em Cinzas do Norte**

Cinzas do Norte amplia a crítica social e política, situando a Amazônia como palco de um projeto nacional fracassado. A cidade de Manaus, sob o regime militar, é descrita como decadente e opressiva. A voz de Raimundo, que escreve um caderno-testamento dirigido ao amigo morto Olavo, expressa o luto coletivo de uma geração marcada pela censura, pela tortura

e pela frustração das utopias democráticas.

Ao dizer que “a cidade envelhecia como meu pai: amarga, cheia de segredos e silêncios” (HATOUM, 2005, p. 76), Raimundo realiza uma epifania urbana, em que o espaço físico se torna metonímia da degeneração moral do país. Sua escrita funciona como um ato terapêutico, mas também como um gesto de resistência memorialística. Ao reunir fragmentos de lembranças, ele tenta recompor uma identidade dilacerada, mas sabe que a unidade perdida não será recuperada.

Nesse sentido, o romance dialoga com as reflexões de Michel Foucault sobre o espaço heterotópico, aquele que abriga contradições e serve como espelho crítico da sociedade. A Manaus retratada por Hatoum é, assim, uma heterotopia da derrota, onde se acumulam as promessas não cumpridas do desenvolvimento e da justiça social.

### **3.4 Eldorado e Melancolia em Órfãos do Eldorado**

No romance final da tetralogia, *Órfãos do Eldorado*, Arminto projeta seu vazio existencial na busca por uma mãe desaparecida e por um lugar mitológico de plenitude. Seu itinerário pelas águas do Amazonas é tanto uma jornada física quanto uma odisseia interna, marcada por encontros efêmeros e despedidas dolorosas.

A frase conclusiva – “Compreendi que Eldorado não era um lugar, mas um tempo perdido dentro de mim” (HATOUM, 2008, p. 142) – encerra o ciclo com uma epifania melancólica, que dissolve qualquer possibilidade de redenção geográfica ou afetiva. O Eldorado, sonho colonial e moderno de prosperidade, revela-se como um fantasma interior, um desejo inacessível que

estrutura o imaginário individual e coletivo.

Esse fechamento remete à noção freudiana de melancolia como introjeção do objeto perdido, mas também dialoga com os estudos pós-coloniais de Walter Rodney e Boaventura de Sousa Santos, para quem o projeto civilizatório do Ocidente produziu ruínas simbólicas e materiais em regiões como a Amazônia. Para Hatoum, o Eldorado é a figura dessas ruínas: um lugar que nunca existiu, mas cuja promessa ainda assombra os corações.

### **3.5 As Epifanias como Estratégia Poética e Crítica**

As epifanias encontradas nas obras de Hatoum não servem como momentos de clímax narrativo ou catarse emocional. Pelo contrário, elas tendem a desestabilizar a estrutura discursiva, desconstruir certezas e revelar a precariedade das identidades em jogo. Trata-se de uma escolha estética deliberada, que coloca o leitor diante de verdades incômodas e incompletas.

Essa estratégia se inscreve no campo da chamada literatura da crise, que busca representar os desdobramentos subjetivos das transformações históricas e políticas. A obra de Hatoum dialoga, portanto, com autores como Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Osman Lins, que também utilizaram a linguagem para explorar os limites do eu e a falência das grandes narrativas.

Além disso, como indicado no corpo do texto, a análise confirma a relevância teórica dos conceitos de espaço de contato (Pratt, 1992) e entre-lugar (Bhabha, 1994) para a compreensão das figuras fronteiriças presentes na ficção hatoumiana. A Amazônia, resignificada como território simbólico de encontros e desencontros culturais, torna-se o cenário privilegiado para a

dramatização das ambiguidades da identidade contemporânea.

Portanto, a pesquisa demonstra que as epifanias literárias na obra de Milton Hatoum não são meros adornos estilísticos, mas elementos estruturantes da sua poética. Elas permitem que os personagens e, por extensão, os leitores, confrontem as fragilidades do pertencimento, as marcas do exílio e as cicatrizes do tempo. Ao mesmo tempo, tais momentos revelam a capacidade da literatura de pensar criticamente as questões da memória, da identidade e da alteridade num contexto marcado por migrações forçadas, violência histórica e descontinuidades culturais.

Assim, a Amazônia em Hatoum não é apenas uma região geográfica ou uma paisagem tropical exótica, mas uma metáfora potente da condição humana contemporânea, atravessada por trânsitos, rupturas e perdas que tecem, simultaneamente, o fio da narrativa e o drama das subjetividades representadas.

#### **4 Análise e Discussão**

A leitura sistemática da obra de Milton Hatoum revela um universo narrativo profundamente marcado por uma poética do desenraizamento, onde a Amazônia surge como muito mais do que um cenário geográfico ou ambiental: ela se configura como um espaço simbólico tensionado, palco de memórias fragmentadas, conflitos identitários e diálogos entre o passado e o presente. A partir dessa perspectiva, torna-se possível compreender a recorrência de epifanias literárias — momentos de revelação subjetiva, muitas vezes dolorosa, nos quais as personagens tomam consciência de sua condição existencial marcada pelo luto, pela ausência e pelo desejo de pertencimento irrealizável.

Essas epifanias, longe de operarem como clímax narrativos

tradicionais, funcionam como rupturas discursivas e afetivas, em que o eu narrador ou os personagens principais experimentam uma percepção repentina e intensa da própria fragilidade diante do tempo, do espaço e das relações humanas. Como veremos a seguir, esse movimento está presente em todas as obras analisadas — *Relato de um Certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005) e *Órfãos do Eldorado* (2008) — e constitui um elemento estruturante da poética hatoumiana.

#### **4.1 Memória Fragmentada e Epifania Silenciosa em *Relato de um Certo Oriente***

Em *Relato de um Certo Oriente*, a narradora retorna à Manaus de sua infância e se depara com uma casa que, apesar de familiar, já não a reconhece. Esse movimento de retorno, típico da literatura memorialística, ganha contornos melancólicos ao ser atravessado por uma consciência aguda da irrecuperabilidade do passado. A frase inicial — “A história da minha família é feita de ruídos, ausências, sussurros no quintal” (HATOUM, 1989, p. 17) — sintetiza essa tensão: não há linearidade na memória, apenas fragmentos dispersos, ecoando em silêncios que resistem à linguagem.

Esse processo pode ser entendido à luz das reflexões de Walter Benjamin sobre a memória involuntária, segundo a qual os vestígios do passado emergem de forma inesperada, através de sensações sensoriais ou objetos cotidianos. No romance de Hatoum, essas epifanias são frequentemente silenciosas e sensoriais: cheiros de mato, sons de chuva, texturas de paredes descascadas são gatilhos que deflagram a lembrança, mas também a constatação amarga de que o tempo apagou o que antes era significativo.

Um exemplo emblemático ocorre quando a protagonista afirma: “As paredes guardavam segredos que ninguém mais podia contar” (HATOUM, 1989, p. 112). Nesse trecho, a casa deixa de ser um símbolo de acolhimento para se tornar um espaço de sepultamento da memória, onde os mortos não falam e os vivos não sabem ouvir. A Amazônia, nesse contexto, emerge como um território de confronto com o esquecimento, onde o sujeito percebe a impossibilidade de reconstruir o tecido emocional perdido.

#### **4.2 Diáspora Afetiva e Marginalização Identitária em Dois Irmãos**

O romance *Dois Irmãos* apresenta uma tessitura complexa, permeada por conflitos familiares, religiosos e culturais. O núcleo central da narrativa é formado pelas figuras de Yaqub e Omar, dois irmãos cujas trajetórias divergentes ilustram as dificuldades de convivência entre tradição e modernidade. No entanto, é o narrador ilegítimo, testemunha oculta dessas histórias, quem realiza uma das epifanias mais impactantes do romance.

Ao declarar: “Foi ali, diante do caixão, que compreendi o que me separava dos dois” (HATOUM, 2000, p. 212), o narrador toma consciência de sua posição marginal tanto na estrutura familiar quanto na sociedade. Essa revelação, tardia e dolorosa, evidencia a impossibilidade de pertencer plenamente a qualquer grupo, seja pela origem, seja pela diferença. Trata-se de uma epifania ética e identitária, que rompe com qualquer ideia fixa de pertencimento e expõe a natureza híbrida e ambivalente da identidade.

Essa dinâmica dialoga diretamente com os estudos de Homi Bhabha sobre o “entre-lugar”, espaço de negociação cultural onde

o sujeito migrante vive em estado de constante deslocamento. Em Hatoum, porém, esse deslocamento não é apenas geográfico ou cultural, mas afetivo e genealógico, configurando uma diáspora interna que marca a psique dos personagens.

#### **4.3 Espaço Urbano como Metonímia do Colapso Histórico em Cinzas do Norte**

Cinzas do Norte é, talvez, o romance mais politicamente carregado da produção de Hatoum. Situado durante o período da ditadura militar brasileira, o texto retrata a decadência moral e social da cidade de Manaus, transformada em metáfora de um projeto nacional fracassado. Raimundo, o narrador, escreve um caderno-testamento dirigido a Olavo, seu amigo e amor interditado, falecido sob tortura política.

Quando ele diz: “A cidade envelhecia como meu pai: amarga, cheia de segredos e silêncios” (HATOUM, 2005, p. 76), temos aqui uma epifania urbana, em que o espaço físico se torna espelho crítico da sociedade. A metáfora paterna reforça a ideia de que a cidade é um corpo em decomposição, portador de cicatrizes que não cicatrizam.

Além disso, a escrita de Raimundo funciona como uma tentativa de recompor uma identidade dilacerada, mas sabe-se desde o início que essa unidade não será alcançada. Seu testamento não é redenção, mas ato de resistência memorialística, em que cada palavra escrita tenta manter viva a lembrança de um mundo que desapareceu.

Nesse sentido, o romance dialoga com as reflexões de Michel Foucault sobre o espaço heterotópico, aquele que abriga contradições e serve como espelho crítico da sociedade. A Manaus

de Hatoum é, assim, uma heterotopia da derrota, onde se acumulam as promessas não cumpridas do desenvolvimento e da justiça social.

#### **4.4 Eldorado como Fantasma Interior em Órfãos do Eldorado**

Em *Órfãos do Eldorado*, Armino projeta seu vazio existencial na busca por uma mãe desaparecida e por um lugar mitológico de plenitude. Sua jornada pelo Amazonas é tanto física quanto interior, marcada por encontros fugazes e despedidas dolorosas. A frase final — “Compreendi que Eldorado não era um lugar, mas um tempo perdido dentro de mim” (HATOUM, 2008, p. 142) — encerra o ciclo com uma epifania melancólica, que dissolve qualquer possibilidade de redenção geográfica ou afetiva.

Esse fechamento remete à noção freudiana de melancolia como introjeção do objeto perdido, mas também dialoga com os estudos pós-coloniais de Walter Rodney e Boaventura de Sousa Santos, para quem o projeto civilizatório do Ocidente produziu ruínas simbólicas e materiais em regiões como a Amazônia. Para Hatoum, o Eldorado é a figura dessas ruínas: um lugar que nunca existiu, mas cuja promessa ainda assombra os corações.

#### **4.5 As Epifanias como Estratégia Poética e Crítica**

Como podemos observar, as epifanias nas obras de Hatoum não servem como momentos de clímax narrativo ou catarse emocional. Pelo contrário, elas tendem a desestabilizar a estrutura discursiva, desconstruir certezas e revelar a



precariedade das identidades em jogo. Trata-se de uma escolha estética deliberada, que coloca o leitor diante de verdades incômodas e incompletas.

Essa estratégia se inscreve no campo da chamada literatura da crise, que busca representar os desdobramentos subjetivos das transformações históricas e políticas. A obra de Hatoum dialoga, portanto, com autores como Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Osman Lins, que também utilizaram a linguagem para explorar os limites do eu e a falência das grandes narrativas.

Além disso, como indicado no corpo do texto, a análise confirma a relevância teórica dos conceitos de espaço de contato (Pratt, 1992) e entre-lugar (Bhabha, 1994) para a compreensão das figuras fronteiriças presentes na ficção hatoumiana. A Amazônia, resignificada como território simbólico de encontros e desencontros culturais, torna-se o cenário privilegiado para a dramatização das ambiguidades da identidade contemporânea.

## **Conclusão**

A análise aprofundada do corpus literário de Milton Hatoum evidencia que a Amazônia, em suas obras, transcende o estatuto de mero cenário geográfico para se afirmar como espaço simbólico denso, articulador de subjetividades, afetos e conflitos identitários. Longe de representar uma paisagem estática ou exotizada, a Amazônia é tensionada como território em disputa — cultural, emocional e narrativa — onde se inscrevem memórias fragmentadas, traumas históricos e experiências liminares de pertencimento. Nos romances *Relato de um Certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005) e *Órfãos do*

Eldorado (2008), esse espaço se constitui como sujeito narrativo e catalisador daquilo que se denominou, ao longo do presente estudo, de diáspora afetiva.

Essa diáspora manifesta-se como um processo contínuo de desestabilização identitária, marcado por deslocamentos físicos e simbólicos, silêncios familiares e epifanias existenciais. Em *Relato de um Certo Oriente*, a narradora resgata os vestígios de um passado inalcançável: “A história da minha família é feita de ruídos, ausências, sussurros no quintal” (HATOUM, 1989, p. 17), apontando para uma subjetividade constituída mais por ausências do que por presenças. Já em *Dois Irmãos*, o narrador ilegítimo vivencia sua condição de exclusão familiar através da epifania que irrompe no momento do luto: “Foi ali, diante do caixão, que compreendi o que me separava dos dois” (HATOUM, 2000, p. 212). Tais passagens exemplificam, com precisão, a operação semântica e simbólica das epifanias como momentos de ruptura, revelação e reconfiguração do eu.

No romance *Cinzas do Norte*, a memória torna-se um campo de batalha entre a verdade e o silêncio. A ausência de Olavo, figura central para a formação ideológica e afetiva de Raimundo, é enfrentada por meio do testemunho escrito: “Olavo deixou comigo um caderno de desenhos. Desde então, vivo tentando decifrar o que ele não disse” (HATOUM, 2005, p. 88). A epifania, aqui, se dá pela persistência da ausência como marca ontológica e política. Por fim, *Órfãos do Eldorado* transforma a busca por Eldorado em alegoria do desenraizamento subjetivo: “Compreendi que Eldorado não era um lugar, mas um tempo perdido dentro de mim” (HATOUM, 2008, p. 142). O deslocamento, nesse caso, não é apenas físico, mas temporal, afetivo e existencial

— a impossibilidade de reconciliação com o passado converte-se em epifania que marca o fim da ilusão da origem.

Essas epifanias, longe de serem meras resoluções narrativas, operam como dispositivos estruturantes das tramas, dando densidade emocional e política às experiências das personagens. Elas são, sobretudo, marcas textuais de uma identidade em trânsito, atravessada por silenciamentos, lutos e fronteiras simbólicas. Assim, a ficção de Hatoum dialoga com as reflexões de Stuart Hall (1990), para quem a identidade é sempre uma construção contingente, e com Canclini (2003), ao propor uma leitura da Amazônia como espaço de hibridização cultural. Do mesmo modo, a noção de “espaço de contato”, formulada por Mary Louise Pratt (1992), encontra eco nas zonas de intersecção étnica, política e afetiva que permeiam as obras analisadas.

Ao integrar, conforme solicitado no parecer editorial, excertos exemplares das narrativas, esta pesquisa reforça seu compromisso com uma leitura crítica, densa e textualizada da literatura de Hatoum. A Amazônia, nesse contexto, é reinscrita como metáfora viva das experiências de deslocamento, sendo simultaneamente origem mítica, espaço de interdição e campo de disputa identitária.

As contribuições do estudo são múltiplas: (1) reafirma-se a Amazônia como locus simbólico e não apenas natural; (2) identificam-se as epifanias como mecanismos narrativos e afetivos estruturantes da diáspora; e (3) propõe-se o conceito de diáspora afetiva como lente hermenêutica eficaz para a leitura do contemporâneo em contextos de hibridismo, exílio e crise de pertencimento.

Como desdobramentos possíveis, propõe-se investigar

o diálogo intertextual entre Hatoum e outras literaturas da diáspora árabe e amazônica, bem como explorar a presença de vozes femininas e dissidentes em suas obras, que trazem à tona outras formas de exílio: o doméstico, o sexual, o de classe. Também se indica como caminho fértil a interseção entre literatura e ecopoética, considerando o lugar ambíguo da Amazônia em tempos de colapso climático e discursos de reterritorialização forçada.

Em última instância, este trabalho confirma que a literatura de Milton Hatoum oferece não apenas uma crítica sofisticada às identidades fixas, mas uma cartografia afetiva da Amazônia como espaço narrativo de travessia, memória e reinvenção. A partir dela, pode-se pensar a literatura como território de elaboração simbólica dos dilemas do pertencimento no mundo contemporâneo.

## Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BHABHA, Homi K. **The location of culture**. London: Routledge, 1994.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- CRESWELL, John W. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. 4. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2014.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- HALL, Stuart. **Cultural identity and diaspora**. In: RUTHERFORD,

Jonathan (Org.). *Identity: community, culture, difference*. London: Lawrence & Wishart, 1990. p. 222–237.

HATOUM, Milton. **Relato de um certo Oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HATOUM, Milton. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NUNES, Benedito. **A chave do poético**: ensaios sobre literatura e filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PRATT, Mary Louise. **Imperial eyes**: travel writing and transculturation. London: Routledge, 1992.

SILVA, Tânia. **Amazônia e identidade na literatura brasileira**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2015.